

Sophie Bosede Oluwole

(1935-2018)

Minna Salami

Tradução para uso didático de SALAMI, Minna. Sophie Bosede Oluwole (1935-2018). In: BUXTON, Rebeca; WHITING, Lisa (eds.). **The Philosopher Queens: The lives and legacies of philosophy's unsung women**. Londres: Unbound, 2020. p. 143-149, por wanderson flor do nascimento.

Ao considerar a vida e a obra de Sophie Bosede Oluwole, a erudita e provocativa modeladora da filosofia clássica iorubá contemporânea, devemos começar com uma breve história do povo iorubá da atual Nigéria. É essa história que sustenta os fundamentos de seu trabalho filosófico.

Mais importante ainda, para entender a posição de Oluwole, devemos estar cientes de que a Nigéria não existia apenas no início do século XX. Em vez disso, os iorubás faziam parte do Império de Oyó, que se estendia pelo sudoeste da Nigéria até o Benin e o Togo. O Império de Oyó consistia em numerosas cidades-estado que haviam conquistado. Uma delas foi Ondo, onde a professora Oluwole nasceu em 1935.

Na época do nascimento de Oluwole, a Nigéria já era uma colônia britânica há 21 anos. Em 1914, a última das cidades-estados iorubá (o reino de Egbá) havia sido abolida e todo o Império de Oyó, juntamente com califados e reinos ao norte e leste do rio Níger — cujos mistérios fluviais haviam sido o motivo inicial para a exploração britânica na região — foram amalgamados em uma grande colônia: a Nigéria.

Até que ponto a colonização impactou a infância de uma menina nascida no estado de Ondo, vinte e um anos após a formação da Nigéria? Ela se considerava primeiro nigeriana ou iorubá? Até que ponto a colonização da mente estava em vigor naqueles dias relativamente iniciais do domínio britânico? Talvez a história de como ela passou a se chamar Sophie nos dê uma indicação. Até Oluwole completar oito anos, ela atendia pelo nome de Bosede, mas como ela se saiu muito

bem na escola, o diretor sugeriu que seu pai a renomeasse como Sophia, um nome que ele achou mais apropriado para ela porque era muito inteligente.

Se os nomes anglófonos eram vistos como um sinal de inteligência, então parece seguro assumir que a educação colonial marcou sua época. O fato de o diretor da escola de Oluwole sugerir que seu nome fosse mudado e, mais ainda, que sua família o aprovasse, indica que a mentalidade colonial já deve ter moldado a vida no estado de Ondo de maneira bastante acentuada. Na verdade, a própria Oluwole disse certa vez que, embora tenha mudado o nome de Sophia para Sophie, para personaliza-lo, ela manteve o nome como um testemunho do legado do colonialismo de seu povo.

Talvez tenha sido um acaso do destino que, se ela teve que ser renomeada, o fora pelo menos com um nome que forma o campo de estudo – filosofia – ao qual ela dedicaria sua vida. Afinal, filosofia vem de “philo”, que significa “amor” em grego antigo, e “sophia”, que significa sabedoria; e o amor pela sabedoria era a maior ferramenta de Oluwole.

No entanto, foi um amor diferente que a levou à filosofia. Em 1963, aos 28 anos, Oluwole mudou-se para Moscou com seu primeiro marido, que havia recebido uma bolsa de estudos da URSS. Seus dois primeiros filhos (ela teria mais quatro) ficaram com o restante da família. Ela se matriculou na universidade, mas, uma vez aceita, seu marido foi transferido para Colônia, na Alemanha Ocidental, onde Oluwole novamente se inscreveu para estudar, mas novamente perdeu a oportunidade, pois um ano depois seu marido foi transferido para os Estados Unidos. Quando Oluwole voltou dos Estados Unidos para a Nigéria em 1967, ela finalmente se matriculou na Universidade de Lagos, onde cursou seu bacharelado e mestrado em filosofia. Ela então se mudou para a então renomada Universidade de Ibadan, onde obteve seu doutorado em filosofia, o primeiro concedido a uma nigeriana, por uma universidade nigeriana.

A essa altura, Oluwole estava começando a se tornar cada vez mais consciente do pensamento iorubá e da filosofia africana. Sua proposta de tese de doutorado foi intitulada “A base racional do pensamento ético iorubá”.

Infelizmente, devido à falta de orientadores sobre o tema, ela optou por escrever uma tese intitulada “Meta-ética e a Regra de Ouro”. Isso talvez tenha sido mais um acidente do destino, pois sua especialização na ética da reciprocidade viria mais tarde – quando ela, de fato, dedicou sua obra, em essência, à “base racional do pensamento iorubá” – a revigorar suas respostas às acusações de reducionismo e fatalismo em filosofia africana.

Sua jornada pela filosofia africana foi, como ela mesma disse, “incentivada por minha formação e experiência em filosofia ocidental”. De acordo com essa educação, ela foi ensinada que “os africanos nunca originaram nenhuma tradição convincente de filosofia”. Mesmo em sua própria festa de formatura de doutorado em 1984, o chefe do departamento de filosofia a parabenizou por finalmente obter “a licença para falar todas as bobagens que [ela] vinha falando antes”. Oluwole ficou determinada a usar sua capacidade intelectual para provar que os cétricos estavam errados, declarando que ela estava em uma “cruzada para redescobrir, reviver, criticar, corrigir e promover o conhecimento autóctone africano”.

Por “cruzada”, Oluwole se referia a críticas lúcidas não apenas de filósofos ocidentais como Hobbes, Hegel e Rousseau que, descaradamente, defendiam visões racistas em seus escritos. Ela também criticou, sem medo, os principais filósofos africanos, como Paulin J. Hountondji, Akin Makinde e Kwasi Wiredu, argumentando que suas afirmações de que as civilizações científicas não poderiam existir sem a escrita (Hountondji), que as línguas africanas não eram complexas o suficiente para lidar com o discurso filosófico (Makinde), ou que os modos tradicionais de compreensão eram intuitivos e não científicos (Wiredu) eram absurdos e fictícios. “É herético identificar e/ou caracterizar o pensamento africano a partir de definições derivadas de conceitos e tradições de pensamento ocidentais”, argumentou ela.

Oluwole afirmou que a filosofia africana poderia ser descoberta por meio de uma abordagem hermenêutica, a teoria ou metodologia de interpretação, do cânone oral do continente. Com exceção dos textos egípcios antigos, etíopes e islâmicos, a epistemologia africana foi registrada por meio de provérbios, textos

rituais, poemas épicos, tradições musicais, mitos da criação, histórias de vida, narrativas históricas e recitações, e não por meio de obras escritas; e seria por meio do estudo dessas fontes que os pensamentos filosóficos poderiam ser compreendidos.

Por meio dessa abordagem, ela demonstrou como os gêneros orais iorubás se qualificam como filosofia. Mais especificamente, ela defendeu a interpretação do “corpus de Ifá” – que é o compêndio iorubá, por excelência, de temas filosóficos como sabedoria, justiça, tempo, agência humana, destino, democracia, misoginia e direitos humanos – como filosofia, e não como sistema de adivinhação, do modo que é comumente atribuído. O corpus de Ifá, que agora também existe em formato escrito, é um sistema geomântico que consiste em 256 figuras às quais milhares de versos são anexados. Ele foi armazenado na memória por milhares de anos pelos filósofos iorubás tradicionais conhecidos como babalaôs, que significa “pais do conhecimento esotérico”.

As percepções e coragem de Oluwole a estabeleceram como uma pensadora destemida e, logo, suas aulas na Universidade de Lagos, onde ela então lecionava, lotaram. Como uma feminista sem remorso, em uma sociedade antifeminista, sua popularidade era testemunho de seu encanto e sabedoria. Onze anos após sua formatura, ela já havia publicado cinco livros: *Readings in African Philosophy* (1989), *Witchcraft, Reincarnation and the God-Head: Issues in African Philosophy* (1992), *Womanhood in Yoruba Traditional Thought* (1993), *Democratic Patterns and Paradigms: Nigerian Women’s Experience* (1996) e *Philosophy and Oral Tradition* (1997). Ela foi igualmente prolífica em escrever artigos e editar volumes de livros.

Em seu último livro, *Sócrates and Orunmila: Two Patrons of Classical Philosophy* (2015), Oluwole ofereceu uma comparação inovadora entre Sócrates, o fundador da filosofia ocidental, e Orunmilá, o criador do corpus de Ifá. Se Sócrates pode ser considerado o pai da filosofia ocidental, não tendo deixado nenhum trabalho escrito de sua autoria, então por que Orunmilá, que se acredita ser anterior a Sócrates, não deveria ser considerado o pai da filosofia africana? Além

do paralelo de que Sócrates revolucionou a filosofia grega sem escrever seus pensamentos, e as palavras de Orunmilá também foram transmitidas por seus discípulos no cânone oral, Oluwole emprega uma abordagem complexa e bem pesquisada para mostrar como suas percepções eram semelhantes. Enquanto Sócrates disse “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”, Orunmilá disse, “O provérbio é uma ferramenta conceitual de análise”. Ao passo que o Sócrates de Platão disse “A verdade mais elevada é aquela que é eterna e imutável”, Orunmilá disse “A verdade é a palavra que não pode cair”. Enquanto Sócrates disse, “só Deus é sábio”, Orunmilá também abordou os limites do conhecimento humano em sua declaração de que “nenhuma pessoa instruída conhece o número de grãos de areia”. Oluwole exortou a África Ocidental a recuperar sua herança filosófica, argumentando que o corpo de conhecimento que ela encontrou na tradição iorubá era tão rico e complexo quanto qualquer outro encontrado no Ocidente. Como o falecido filósofo alemão Professor Heinz Kimmerle escreve em uma resenha do livro, “a extensa pesquisa de Oluwole sobre Sócrates e Orunmilá mostra que existem semelhanças surpreendentes em suas vidas e obras”.

Nem todos ficaram igualmente impressionados. Como esperado, os argumentos de Oluwole foram fortemente contestados por muitos de seus colegas filósofos. Em uma conferência, um professor comentou que as alegações de Oluwole de que os versos de Ifá são filosofia eram “embaraçosas” e “absurdas” (uma palavra favorita de seus críticos, ao que parece). Mas Oluwole, que nunca fica sem palavras, retrucou que o corpus de Ifá e os babalaôs podem, como Sócrates, não ser filósofos no sentido estrito da academia, como seu colega e ela, mas, sim, são filósofos populares.

Na verdade, Oluwole era aquele raro tipo filosófico que era tanto uma filósofa acadêmica quanto popular. Tive a prova disso quando, na manhã do dia 23 de dezembro de 2018, fechei o documento do Word contendo este mesmo capítulo, em andamento, e abri meu feed do Twitter. Lá estava obscuramente: um anúncio da morte da professora Oluwole, aos oitenta e três anos. Parecia incompreensível que alguém com o legado vivaz, sagaz e provocativo, com o qual eu estava tão intimamente envolvida na época, pudesse morrer.

Mas é explícito que a morte não convida para o debate. E, felizmente, o legado também não. À medida que as manifestações de comiseração inundavam a mídia nigeriana, o impacto do pensamento filosófico sobre o qual eu escrevia tornou-se inquestionavelmente nítido. A produção da professora Oluwole alcançou o que um bom trabalho filosófico realmente deveria fazer – não apenas produziu um vasto e pioneiro corpo de trabalho acadêmico, mas também desafiou o *status quo*, esforçou-se para acabar com a ignorância e ofereceu à população em geral uma oportunidade de repensar o que se aceitava como verdadeiro.